



ARTIGO ORIGINAL

**É TEMPO DE PANDEMIA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA
ENFERMAGEM NO ENFRETAMENTO À COVID-19**

Pandemic times: possibilities and challenges of nursing professionals on the battle
against COVID-19

Paulo Sérgio David de Castro

RESUMO

Este artigo visa alcançar o objetivo de apresentar discussão teórica sobre as condições de trabalho dos profissionais de Enfermagem que estão na linha de frente no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. Para tanto, como metodologia, foi realizada uma revisão de literatura acerca das condições de trabalho dos profissionais de Enfermagem no contexto da pandemia da COVID-19. O estudo evidencia como resultado, que a Enfermagem vem convivendo com uma sobrecarga física e psíquica no trabalho faz décadas. Contudo, em decorrência do enfrentamento de uma pandemia, os problemas já enfrentados se somatizam a outros sentimentos, como medo, raiva, angústia, preocupação e sentimento de impotência, o que pode provocar severos problemas de saúde mental e aumento dos casos da Síndrome de Burnout. Conclui-se que é imprescindível, visando melhorias das condições de trabalho e, por conseguinte da qualidade de vida destes trabalhadores, a aprovação das reivindicações já demandadas, como aprovação do piso salarial, e a regulamentação da jornada de 30 horas.

Palavras chave: Coronavírus; Enfermagem; Pandemia; Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT

This paper presents a theoretical discussion on the working conditions of Nursing professionals, in particular, those who are at the forefront against the new coronavirus pandemic. In order to do that, we carry a literature review on working conditions of Nursing professionals in the context of COVID-19 pandemic. The results show that Nursing professionals have been facing both physical and psychological overload at work for decades. All of those can cause severe mental health conditions and may increase cases of Burnout Syndrome. We conclude that Nursing work demands must be met, such as the salary floor regulation, and the 30-hour work week. Such basic requirements are needed to improve working conditions and, consequently, the quality of life of these workers.

Keywords: Coronavirus; Nursing; Pandemic; Workers' Health.

1. Enfermeiro pela Faculdade Estácio de Sá. Licenciado em Ciências Biológicas. Especialização em Gestão Hospitalar. Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica pelo ProfEPT.

INTRODUÇÃO

No ano em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu que 2020 pode ser instaurado como “O Ano da Enfermagem”¹, talvez mesmo com todo o reconhecimento celebrado ao papel da Enfermagem no sistema de saúde, não se imaginava o protagonismo que viria a ter estes profissionais para proteger a saúde das pessoas e salvar vidas.

O surgimento de uma nova doença, ocasionada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), na China, na cidade de Wuhan², escancarou os enormes desafios que a Enfermagem brasileira vem enfrentando nas últimas décadas. No entanto, uma profissão que até então vinha sendo negligenciada pela mídia e sociedade ganhou protagonismo a nível nacional nos principais meios de comunicação.

A partir das ideias e contribuições de Florence Nightingale falar de enfermagem é falar de vida, de procedimentos sistematizados, do cuidado como o cerne da profissão, do/a enfermeiro/a moderno/a, enfim, contribuições que atravessaram séculos e na contemporaneidade alicerça as bases da enfermagem moderna.

Os profissionais de enfermagem estão acostumados a cuidar, salvar vidas, devolver o sorriso dos pacientes, não estão e em muitas situações não foram preparados para lidar com a morte, e muito menos vivenciar a perda de um colega de profissão.

A pandemia provocada pela COVID-19 além de provocar uma grave crise sanitária, tem sido responsável por milhares de mortes de profissionais de saúde. Seguindo-se o monitoramento do Observatório da Enfermagem³, até o dia quatorze de outubro de 2020, 40.269 enfermeiros, técnicos e auxiliares contraíram a covid-19. Deste total, 20.431 estavam em quarentena, 263

internados e 449 mortes. Mortes estas que em muitos casos estavam diretamente ligadas ao descaso que vem sendo tratado o serviço de saúde, assim como os próprios profissionais de saúde⁴.

Desde o início da pandemia o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN)⁵ registrou mais de 5 mil denúncias, a maior parte delas referentes à escassez e inadequação dos equipamentos de proteção individual (EPI). O Cofen ainda chama atenção para os milhares de profissionais de enfermagem que deveriam ter sido afastados por pertencerem ao grupo de risco e que se mantiveram na linha de frente do combate à pandemia, quadro que contribui para expor ao risco a saúde destes profissionais.

Diante desse cenário, o objetivo deste artigo é problematizar as condições de trabalho a que estão expostos os profissionais de Enfermagem. Assim, pretendemos discutir no primeiro momento, as condições de trabalho desses atores no enfrentamento à COVID-19. A problematização destas condições torna-se relevante para o estudo, pois a partir deste embasamento teórico acredita-se contribuir numa perspectiva de melhorar as condições de trabalho a partir da elaboração de políticas eficazes, de suporte e manutenção de melhores condições laborais para o enfrentamento à pandemia. No segundo momento, com base em Marx, trataremos para a discussão como o trabalho de atividade vital para o enfermeiro tem se transformado ao longo do tempo em um gerador de desgaste físico e psíquico.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico que teve como objetivo abrir espaço para discussão sobre a COVID-19, e refletir sobre as condições de trabalho dos profissionais de Enfermagem.

A coleta de dados ocorreu entre março e outubro de 2020. O material para estudo foi selecionado tendo por base a realização de uma busca de artigos científicos nas bases de dados Google Acadêmico (GA); Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) tendo como descritores: “Enfermagem”; “Coronavírus”, “Trabalho” e “Pandemia”. Consultas ao site do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e em bases de dados de notificação do Ministério da Saúde também foram conduzidas.

Para o refinamento da amostra, utilizaram-se como critérios de inclusão artigos publicados em português e inglês e artigos na íntegra que retratassem a temática referente à revisão integrativa. Foram excluídos deste estudo trabalhos científicos com apenas resumos disponíveis, artigos duplicados, incompletos, dissertações, teses, e temas não relacionados ao escopo da pesquisa.

Posteriormente foi feita uma leitura exploratória, verificando se existiam ou não informações a respeito do tema proposto e de acordo com os objetivos do estudo. Nesta leitura, foram selecionadas 26 referências, destas 25 são artigos, e uma compreende capítulo de livro. Em seguida, foi realizada uma leitura seletiva, a partir da qual foram determinados qual/is estudos seriam utilizados neste trabalho. Nessa fase, foram selecionados 19 dos 25 artigos que abordavam a temática da pesquisa mais o capítulo do livro. A partir deste momento realizou-se uma leitura crítica, buscando um alinhamento com os objetivos proposto no trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As condições de trabalho dos profissionais de enfermagem no enfrentamento à COVID-19.

Aprendemos desde muito cedo, ainda no curso de graduação em enfermagem, que o cuidado é a essência da profissão. Somos treinados para desempenhar as funções de enfermagem com o máximo de respeito, zelo e cuidado com os pacientes.

Atualmente, no enfrentamento à pandemia, os profissionais de Enfermagem vivenciam um dilema ético e moral⁶. Ao tempo em que se desdobram em escalas de plantões dobradas e até triplicadas, esses profissionais ainda convivem com a escassez de EPI o que os torna mais vulneráveis ao risco de contrair COVID-19. Por outro lado, ao negar atendimento aos pacientes contaminados, podem ser penalizados e responsabilizados criminalmente, por omissão de socorro conforme Art. 135 do Código Penal Brasileiro⁷, mesmo que estejam resguardados pelo conselho de classe.

O que se tem visto desde o início da pandemia, é uma Enfermagem sobrecarregada, ausente de condições dignas de respeito e de trabalho, desarticulada do processo político, um corpo gerencial inadequado, mal remunerada, enfim, o enfrentamento a pandemia fez refletir uma Enfermagem mergulhada em graves problemas que trazem reflexos visíveis a saúde dos/as enfermeiros/as, assim como dos demais profissionais de enfermagem.

A pandemia redesenhou novos protocolos de biossegurança, enfatizou a importância da lavagem das mãos, o uso correto dos equipamentos de proteção individual, aspectos fundamentais, porém insuficientes tanto para o controle geral da disseminação e da exposição ao COVID-19, tanto para a saúde do trabalhador⁸.

A problemática na qual insere-se os trabalhadores de Enfermagem não se resume a seguir os protocolos de biossegurança. De fato, seguir tais protocolos alinhados ao trabalho sistematizado, é o que alicerça a

profissão de Enfermagem como ciência da saúde, pautada em princípios científicos, éticos, políticos e filosóficos. Entretanto, o que muitas das vezes compromete o cuidado da equipe de Enfermagem é atravessado por diversas variáveis.

Estas variáveis são constantemente relatadas por profissionais, sindicatos e pelo próprios conselhos que regem a profissão. Segundo dados do Cofen⁹ foram recebidas cerca de 7 mil denúncias na Fiscalização, em grande parte referente à falta ou insuficiência de EPI e déficit de profissionais de Enfermagem para atendimento aos casos de COVID-19.

No entanto, as más condições de trabalho em que a equipe de Enfermagem vem desempenhando suas funções não é um problema novo. As discussões em torno desse eixo atravessaram décadas.

As condições laborais da equipe de Enfermagem foi tema de discussão na 61.^a Conferência Internacional do Trabalho, realizada em junho de 1976. De acordo com Carvalho¹⁰ as condições de trabalho do profissional de Enfermagem vêm sendo estudada desde a década de 30, pela Organização Mundial do Trabalho (OIT) em conjunto com a Organização Mundial da Saúde (OMS) identificando a situação precária desses trabalhadores.

Diante desses apontamentos, o que podemos observar é que a Enfermagem vem “agonizando” há décadas. Os problemas apontados no século XXI no enfrentamento de uma pandemia são praticamente os mesmos sinalizados no trabalho de Carvalho, em 1977 - remuneração inadequada, horário de trabalho muito longo, plantões em domingos e feriados sem a justa compensação e períodos incômodos ou fatigantes de trabalho.

Nesse repasse histórico, será que se a Enfermagem ao longo das

últimas décadas tivesse assumido um compromisso de transformação da profissão, onde enfermeiros, técnicos e auxiliares fossem mais bem remunerados, respeitados, condições de trabalho adequadas, carga horária de trabalho de 30 horas já aprovada e um dimensionamento adequado da equipe, será que teríamos que conviver com a morte de tantos colegas de trabalho no enfrentamento de uma pandemia? Será que realmente era necessário ver tantos rostos de enfermeiros/as marcados pelo cansaço exaustivo de um plantão de 12 horas, 24 horas ou até mesmo 36 horas?

A Enfermagem se faz presente, não aceitamos mais o anonimato nem a indiferença. O pós-pandemia certamente deixará marcas irreparáveis, no entanto, será o momento de assumirmos uma postura crítica em relação ao exercício da profissão, de modo a reestruturar e fundamentar as bases que a sustentam. A aprovação em curto prazo de uma política de melhora das condições de trabalho para a categoria, alinhada a uma recomposição salarial sustentável, torna-se imprescindível.

Os espaços de formação acadêmica deverão participar ativamente de uma formação política, que ofertada aos futuros profissionais, desperte nos indivíduos, o interesse em mudar as situações de opressão.

Como o trabalho deixa de ser uma atividade vital para o enfermeiro e passa a ser uma atividade geradora de desgaste físico e psíquico.

Em 2015, a pesquisa intitulada “Perfil da Enfermagem no Brasil”¹¹ já apontava situações de stress e desgaste físico em 66% dos entrevistados. Quase sempre essas situações tiveram como fio condutor as longas jornadas de trabalho, dificuldades em encontrar emprego, as baixas remunerações e o

dimensionamento inadequado de pessoal.

Contudo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem observado que a equipe de Enfermagem diante do enfretamento de uma pandemia provocada por um vírus com altas taxas de letalidade, como a COVID-19, os problemas já existentes, tende-se a se agravar. Segundo a OMS os profissionais de Enfermagem, pressionados com essa situação, apresentam altos níveis de ansiedade, acrescidos do risco de adoecer, provocando severos problemas de saúde mental e aumentando dos casos da Síndrome de Burnout, além de outros sentimentos como medo, raiva, angústia, preocupação e sentimento de impotência¹².

São fatores que de alguma forma acabam interferindo no processo de trabalho, o que pode trazer consequências negativas na qualidade da assistência prestada, levando as frustrações desses profissionais. Assim, a Enfermagem chega para o combate à pandemia em condições desfavoráveis e com um cenário nada animador no que tange a gestão do trabalho.

O distanciamento forçado dos profissionais de saúde de seus familiares em consequência do risco de contaminação pela COVID-19 dos filhos, esposos/as, companheiros, pais entre outros entes queridos, tem ampliado ainda mais o desgaste psicológico, culminando no aumento da dor, sofrimento e sensação de mais responsabilidade para evitar infectar sua família⁴.

Diante desse cenário, para além de um comprometimento mental e físico da saúde do trabalhador, o trabalho para o profissional de Enfermagem parece assumir uma situação idêntica ao que Marx¹³ denominou de trabalho alienado, estranhado, ou seja, o trabalho deixa de ser uma atividade vital para o homem e passa a ser posse privada do capital e do

emprego de trabalhadores por salário, um arranjo que concede ao trabalhador, pouco controle sobre o que faz.

Nesse íterim, Marx¹³ afirma que a relação do trabalhador com o produto de seu trabalho torna-se uma relação de estranhamento, de modo que “quanto mais o trabalhador se desgasta no trabalho tanto mais poderoso se torna o mundo de objetos por ele criado em face dele mesmo, tanto mais pobre se torna a sua vida interior, e tanto menos ele se pertence a si próprio” p (81).

Cumprido destacar, que a enfermagem constitui a maior força de trabalho na saúde. Estamos falando de 2.283.517 profissionais inscritos no Conselho Federal de Enfermagem (Cofen)¹⁴, sendo 558.318 Enfermeiros, 1.307.680 Técnicos de Enfermagem e 417.519 Auxiliares de Enfermagem.

Não obstante, a Enfermagem não deve ser vista apenas do ponto de vista quantitativo, mas, sobretudo do ponto de vista qualitativo. Qualidade que pode ser observada, pelo sensível aumento da escolaridade dos profissionais, dos desdobramentos internos a profissão, ou seja, deixa de ser uma equipe de maioria de atendentes de enfermagem e parteiras, para ser, hoje, uma equipe forte e consolidada com aumento crescente da participação de enfermeiros e técnicos na sua composição interna¹⁵.

A Enfermagem é peça chave na engrenagem que movimenta o sistema de saúde. Não há como promover uma saúde de qualidade a população sem a participação da equipe de Enfermagem. Este entendimento também foi compartilhado pelo relatório “*The State of the world’s nursing 2020*”¹⁶ elaborado pela OMS em parceria com o Conselho Internacional de Enfermeiras (ICN) e a campanha *Nursing Now*. O documento entre outros pontos destaca as contribuições históricas da enfermagem no tratamento e controle das doenças transmissíveis e infecciosas.

De acordo com o relatório, em surtos como a COVID-19, onde a higiene das mãos, o distanciamento físico e desinfecção de superfícies são centrais para a contenção a infecção, o papel da enfermagem é crucial.

No entanto, poderíamos nos perguntar: Por que diante de tantos apontamentos favoráveis ao exercício da Enfermagem, ainda na atualidade discutimos o trabalho dos profissionais de Enfermagem como algo que gera desgaste físico e psíquico? É certo que não há uma única resposta. Tentaremos aqui, expor alguns destes desafios e problemas que atravessaram décadas e perpetuam nos dias atuais.

As ações do/a enfermeiro/a são influenciadas pelas várias características do sistema de saúde, entre outras, a disponibilidade, as limitações e a qualidade dos instrumentos ou meios de trabalho disponíveis no serviço de saúde. Sendo uma profissão com tanta capilaridade nos serviços de saúde, as políticas de governo na área econômica, social e da saúde podem de alguma forma afetar diretamente ou indiretamente o processo de trabalho da Enfermagem.

Citamos a exemplo, a Emenda Constitucional 95 (EC 95) de número 95/2016¹⁷, que instituiu um novo regime fiscal para vigorar nos próximos 20 (vinte) anos, valendo, portanto, até 2036. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgado no início do mês de outubro de 2016, somente o Sistema Único de Saúde (SUS) perdeu, com o novo regime fiscal, cerca de R\$ 743 bilhões o que poderá levar ao sucateamento das políticas sociais, especialmente nas áreas da saúde e educação, pondo em risco por completo a qualidade de vida da população brasileira.

Nessa perspectiva, a segurança esperada pelos trabalhadores que estão na linha de frente ao enfrentamento à COVID-19 não se reflete na realidade,

que está pautada em fatores financeiros que se sobrepõe a atividade humana e no pensamento institucional¹⁸.

Mas o que tem haver o SUS com a Enfermagem? Podemos dizer que entrelaçada à existência do SUS está a Enfermagem. Não é possível pensar no funcionamento desse Sistema sem o trabalho dos enfermeiros, técnicos e auxiliares de Enfermagem presentes em cada município brasileiro, em cada unidade e instituição de saúde.

Em síntese, pode se dizer que as vitórias e desafios do SUS também estão interligados aos da Enfermagem brasileira. Se o SUS é subfinanciado desde sua criação, os profissionais de Enfermagem sofrem com a falta de um piso nacional salarial, com uma remuneração praticamente simbólica¹⁹. Cenário esse, que tem levado inúmeros profissionais da enfermagem a exaustão, além do fato de ter que recorrer a outras atividades fora da formação, como forma de complementação de seu rendimento mensal.

Com efeito, a valorização da Enfermagem passa também pelo fortalecimento do SUS, pois a pandemia demonstra, de maneira alarmante, os efeitos sofridos pelo subfinanciamento dos SUS e pela implementação da referida EC 95/2016.

Essas ações de cunho político e econômico conduzidas pelos governantes vão à contra mão do que propõe o relatório “*The State of the world’s nursing 2020*”. De acordo com o relatório há a necessidade de intervenções políticas para possibilitar o máximo impacto e efetividade, otimizando o escopo de atuação e liderança dos enfermeiros, juntamente com aumento do investimento em sua educação, treinamento e trabalho.

Não se pode esquecer, contudo, como bem lembra Neri¹¹ em palestra proferida sobre a valorização dos profissionais de Enfermagem, que a formação desordenada de mão de obra,

em cursos privados de má qualidade, afeta diretamente os empregos e salários, além da própria qualidade da assistência. Hoje mais de 60% dos profissionais de enfermagem ganham menos de R\$ 2 mil por mês (62,2%) e mais de um terço (38,7%) têm jornadas superiores a 41 horas semanais. Cerca de 3,5% recebem mais de R\$ 5 mil por mês²⁰.

Esses apontamentos abrem caminhos para refletirmos sobre a complexidade dos fatos que estão imbuídos à valorização da Enfermagem. É preciso não perder de vista o quanto é importante retomar a defesa do SUS, resgatando seus princípios constitucionais de universalidade, integralidade e acesso igualitário a todos os níveis de complexidade do sistema, garantindo a qualidade da atenção por equipes profissionais qualificadas e com condições dignas de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é notável que os problemas enfrentados pela Enfermagem no combate à pandemia são enormes. No entanto, as más condições de trabalho, assim como o desgaste físico e psíquico não são oriundos dos dias atuais. Os problemas vivenciados pelos trabalhadores de Enfermagem apontados neste trabalho, são praticamente os mesmos desde a época do trabalho de Carvalho, em 1977. Ou seja, há mais de 40 anos a Enfermagem vem agonizando com a falta de recursos humanos, material, baixíssimos salários, desvalorização aos olhos dos políticos, dos empresários e dirigentes das instituições de saúde e, muitas vezes, da população.

Dito isto, fica evidente que as mudanças que estão intimamente ligadas ao processo de trabalho da Enfermagem demoram a acontecer e alguns casos ainda não aconteceram, o que traz implicações diretas na assistência do

cuidado e na qualidade de vida dos trabalhadores.

A crise de escassez de recursos para a assistência adequada aos infectados pela COVID-19, impõe reflexões quanto à necessidade de diretrizes gerenciais, políticas e econômicas para a alocação de recursos de maneira contextualizada com as práticas assistenciais e o desenvolvimento da pandemia.

Além disso, a equipe de Enfermagem de cada instituição de saúde, inclusive nos serviços públicos, deve-se atentar para a complexidade dos fatos que estão envolvidas em prol de melhorias na qualidade da assistência, bem como na saúde do profissional de Enfermagem. É preciso conscientizar que a Enfermagem com sua representatividade nos serviços de saúde, deve se mobilizar em prol das melhorias nas condições de trabalho, além do piso salarial e da regulamentação da jornada de trabalho.

A precarização do mundo do trabalho, representada aqui pela falta de EPI, baixos salários, estresse físico e mental, sobrecarga de trabalho e desvalorização profissional, parece apontar para um processo de apagamento das noções de limites da vida. Cada vez mais o sistema capitalista tende a colocar os valores econômicos em um pentecostal acima da dignidade do ser humana. Essa contradição produz o padrão predatório das relações entre as atividades humanas e o capital. Em suma, o mundo do trabalho contemporâneo aprofunda e materializa todas as dimensões do trabalho alienado.

Assim, a desalienação dos profissionais de Enfermagem em relação ao mundo do trabalho passa, necessariamente, pela redefinição do sentido do trabalho – dos padrões de trabalho. Para isto, torna-se necessário uma maior tomada de consciência crítica e política por partes dos agentes sociais,

aqui representados pelos trabalhadores de Enfermagem.

533-denuncias-a-orgaos-governamentais_80324.html

REFERÊNCIAS

1. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). OMS declara 2020 como o ano internacional da Enfermagem. [Internet]. 2020.[acesso em 2020 jun 10]. Disponível em: <https://www.ufes.br/conteudo/oms-declara-2020-como-o-ano-internacional-da-enfermagem>
2. Yuen KS, Ye ZW, Fung SY, Chan CP, Jin DY. SARS-CoV-2 and COVID-19: The most important research questions. Cell & Bioscience [Internet]. 2020[cited 2020 Apr 08];10:40. Available from: <https://cellandbioscience.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/s13578-020-00404-4>
3. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Observatório da Enfermagem. [Internet]. Brasília: COFEN; 2020 [acesso em 2020 ago 10]. Disponível em: <http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/>
4. Oliveira AC. Desafios da enfermagem frente ao enfrentamento da pandemia da COVID19. REME - Rev Min Enferm. [Internet]. 2020. [acesso em 2020 ago 12]. Disponível: <https://pesquisa.bvsalud.org/controlecancer/resource/pt/biblio-1096592>
5. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Após fiscalizações, conselhos direcionam 4.533 denúncias a órgãos governamentais. [Internet]. Brasília: COFEN; 2020[acesso em 2020 ago 22]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/apos-fiscalizacoes-conselhos-direcionam-4-533-denuncias-a-orgaos-governamentais_80324.html
6. Miranda FMA, Santana L de L, Pizzolato AC, Saquis LMM. Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19. Cogitare enferm. [Internet]. 2020 [acesso em 2020 set 10]. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/controlecancer/resource/pt/biblio-1096592>
7. Brasil. Código penal. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. [acesso em 2020 set 13] Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf
8. Filho MJM, Assunção AA, Algranti E, Garcia EG, Saito CA, Maeno M. A. Saúde do trabalhador e o enfrentamento da covid-19. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional [Internet]. 2020 [acesso em 2020 set 10]. Disponível em: <http://profsaude-abrasco.fiocruz.br/publicacao/saude-trabalhador-enfrentamento-covid-19>
9. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Após fiscalizações, conselhos direcionam 4.533 denúncias a órgãos governamentais. [Internet]. Brasília: COFEN; 2020 [acesso em 2020 ago 10]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/apos-fiscalizacoes-conselhos-direcionam-4-533-denuncias-a-orgaos-governamentais_80324.html
10. Carvalho AC. Condições de trabalho do pessoal de enfermagem 61.^a conferência da organização internacional do trabalho (oit) - comunicação. Rev. Bras. Enferm. 1977; 30(2): 157-161.
11. Machado, MH, coordenadora. Pesquisa Perfil da

Enfermagem no Brasil: Relatório Final. [Internet]. Fiocruz/Cofen; 2017 [acesso em 2020 set 23]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>

12. World Health Organization (WHO). Actualización de la estrategia frente a la COVID-19. Geneva: WHO; 2020 [acesso em 2020 ago 27]. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/covid-19-strategy-update---14-april-2020>

13. Marx K. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo editorial, 2009.

14. Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Enfermagem em números. [Internet]. Brasília: COFEN; 2020 [acesso em 2020 ago 22]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>

15. Machado MH, Pereira EJ, Neto FRGX, Wermelinge MCMW. Enfermagem em tempos da covid-19 no brasil: um olhar da gestão do trabalho. *Enferm. Foco* 2020; [acesso em 2020 set 12]. Disponível em: <file:///C:/Users/Paulo/Pictures/3994-21245-1-PB.pdf>

16. World Health Organization (WHO). State of the world's nursing 2020 *J. nurs. health.* 2020;10(n.esp.):e20104005 10 [Internet]. Geneva; 2020 [cited 2020 Apr 08]. Available from: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331673/9789240003293-eng.pdf>

17. Mariano, CM. Emenda

constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos: Brasil de volta ao estado de exceção econômico e ao capitalismo do desastre *Revista de Investigações Constitucionais*, 2017. 4(1): p. 259-281.

18. Alves JCR, Ferreira MB. Covid-19: reflexão da atuação do enfermeiro no combate ao desconhecido. *Enferm. Foco* 2020; [acesso em 2020 set 12]. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/covid-19-reflexao-atuacao-enfermeiro.pdf>

19. Silva MCN, Machado MH. Sistema de Saúde e Trabalho: desafios para a Enfermagem no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva.* 25(1): p. 7-13.

20. Estado de Minas. Há um mês não vejo minha filha': enfermeiros vivem rotina de longas jornadas, baixos salários e, agora, solidão. 2020 mai. [citado em 2020 set. 10]. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/bbc/2020/05/17/interna_internacional,1148073/ha-um-mes-nao-vejo-minha-filha-enfermeiros-vivem-rotina-de-longas-j.shtml

Correspondência:

Paulo Sérgio David de Castro
Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais. Av. Dr. José Sebastião da Paixão s/n. 36180000 - Rio Pomba, MG.

E-mail:
paulo.castro@ifsudestemg.edu.br

Recebido em: 25/11/2020

Aceito em: 01/10/2022